



Psicologia: Reflexão e Crítica

ISSN: 0102-7972

prcrev@ufrgs.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Brasil

Medeiros, Paula Cristina; Loureiro, Sonia Regina; Linhares Martins, Maria Beatriz; Marturano, Edna  
Maria

A Auto-Eficácia e os Aspectos Comportamentais de Crianças com Dificuldade de Aprendizagem

Psicologia: Reflexão e Crítica, vol. 13, núm. 3, 2000, pp. 327-336

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=18813302>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

## A Auto-Eficácia e os Aspectos Comportamentais de Crianças com Dificuldade de Aprendizagem

Paula Cristina Medeiros<sup>1,2</sup>

Sonia Regina Loureiro

Maria Beatriz Martins Linhares

Edna Maria Marturano

Universidade de São Paulo/Ribeirão Preto

---

### Resumo

O objetivo da pesquisa é avaliar as relações entre o desempenho acadêmico, o senso de auto-eficácia e os aspectos comportamentais em 52 crianças de ambos os sexos, na faixa etária de oito anos a onze anos e onze meses, alunos de primeiro ano do ensino fundamental, com nível intelectual pelo menos médio inferior, divididas em: G1-26 crianças com queixa de dificuldade de aprendizagem encaminhadas a um Ambulatório de Psicologia vinculado a um Hospital Escola; e G2-26 crianças sem queixa de dificuldade acadêmica avaliadas por teste de Desempenho Escolar. Os instrumentos utilizados foram: Roteiro de Avaliação de Comportamento e Escala Comportamental Infantil A2 de Rutter, além do teste de desempenho escolar. Observou-se que as crianças do G1 apresentaram uma avaliação significativamente mais baixa quanto ao senso de auto-eficácia e seus pais relataram mais dificuldades comportamentais, comparativamente ao G2. O desempenho acadêmico mostrou-se relacionado ao senso de auto-eficácia e a indicadores de dificuldade comportamentais.

*Palavras-chave:* Dificuldade de aprendizagem; auto-eficácia; comportamento.

### Self-Efficacy and Behavioral Aspects of Children with Learning Difficulties

### Abstract

The aim of the present study was to assess the relationship among school performance, sense of self-efficacy and behavioral aspects in 52 children of both sexes, aged from eight to 11 years and 11 months. The children were enrolled in the first grade and their intelligence level was assessed as of lower medium level at least. Subjects were divided into two groups: G1-26 children with learning difficulties referred to a Psychology Ambulatory of a School Hospital, and G2-26 children without learning difficulties assessed by an academic performance test. The instruments used were: Self-Efficacy Assessment Scale and Child Behavior Scale, as well as a school achievement test. G1 showed a significantly lower score of self-efficacy compared to G2. A significant difference was also observed in the assessment made by parents, who classified G1 as having more behavioral difficulties. Academic performance was found to be related to self-efficacy and indicators of behavioral problems.

*Keywords:* Learning difficulty; self-efficacy; behavior.

---

(Boruchovitch, 1994; Martín & Marchesi, 1995). Neste sentido, mais recentemente, tende-se a considerar a interação de uma série de fatores, cuja confluência específica determina o nível de rendimento da criança frente à situação de aprendizagem.

Ao se fazer referência às dificuldades de aprendizagem não se pode perder de vista a presença de distorções inerentes ao próprio sistema educacional e às influências ambientais que funcionam como contexto para as manifestações comportamentais e as peculiaridades do indivíduo que pode apresentar, no sistema escolar, o sintoma de não aprender (Linhares, 1998; Marturano, Linhares & Parreira, 1993).

Estudos sobre o processo de ensino e aprendizagem vêm reforçando a importância das influências das variáveis internas como as escolhas, crenças, expectativas e afetos, que funcionam como mediadores da relação entre estímulo e resposta (Chapman, Cullen, Boersma & Maguire, 1981). Dentre estas variáveis, destaca-se neste estudo a auto-eficácia. Define-se como auto-eficácia a crença do indivíduo sobre sua capacidade de desempenho em atividades específicas. Envolve o julgamento sobre suas capacidades para mobilizar recursos cognitivos e ações de controle sobre eventos e demandas do meio (Bandura, 1989a). Tais crenças influenciam as aspirações e o envolvimento com metas estabelecidas, o nível de motivação, a perseverança face às dificuldades, a resiliência às adversidades, relacionando-se com a qualidade de pensamento analítico, a atribuição causal para sucesso e fracasso e a vulnerabilidade para o estresse e depressão. Os estudos em geral têm abordado como os fatores ambientais e pessoais afetam a auto-eficácia e como a auto-eficácia influencia a aprendizagem, motivação e realização acadêmica (Bandura, Barbaranelli, Caprara & Pastorelli, 1996).

Os indivíduos possuem um sistema de crenças que afeta pensamentos, sentimentos e ações. Através da reflexão os indivíduos são capazes de se engajarem em

que as pessoas recebem dos outros aspectos psicológicos associados à emoções positivas que influenciam na maneira como as coisas são percebidas.

O constructo auto-eficácia tem sido amplamente aplicado às crianças que experienciam dificuldades de aprendizagem, afeto ou comportamento. Entre os fatores dos estudantes, juntamente com outras variáveis, para a aprendizagem, é forte preditor de sucesso acadêmico. A auto-eficácia influencia o desempenho acadêmico e, ao mesmo tempo, é influenciada, tendo implicações no desenvolvimento da criança em um todo. Esta influência ocorre tanto por si só, como através do seu impacto no processo de motivação, auto-regulação e auto-avaliação. As expectativas de resultados, bem como os interesses, que por sua vez, afetam o comportamento (Bandura & Schunk, 1981; Valiante, 1997; Pintrich, Anderman & Schunk, 1995).

Segundo Pajares (1996), pesquisas têm demonstrado que o senso de auto-eficácia dentro do contexto da aprendizagem sugerem que estudantes com alto senso de auto-eficácia são capazes de desempenhar tarefas acadêmicas com mais estratégias cognitivas e metacognitivas, gastando menos tempo do que aqueles com baixo senso de auto-eficácia. Por contrapartida, crianças que apresentam dificuldades de aprendizagem podem se julgar com baixa auto-eficácia quanto às suas capacidades de desempenho em tarefas com sucesso determinadas tarefas acadêmicas.

A dificuldade de aprendizagem pode ocorrer isoladamente ou apresenta associada a outros comprometimentos. Estudos têm revelado que comumente as dificuldades escolares manifestam paralelismo com problemas de ordem emocional e comportamental (Linhares, Parreira, Marturano & Caprara, 1994a). Linhares, Parreira, Marturano & Caprara (1994a) observaram a presença de mais de um sintoma em nos relatos dos pais que procuravam ajuda para seus filhos com dificuldades de aprendizagem.

cognitivas para resolverem problemas potenciais, possibilitando diretrizes positivas de desempenho. A crença na auto-eficácia, além de modificar regras de pensamento, determina o *nível de motivação*. Quanto mais alto o senso de auto-eficácia, maior será o esforço despendido, a persistência, o envolvimento com metas e objetivos mais elevados. Pessoas duvidosas de suas capacidades enfraquecem seus esforços ou abandonam prematuramente suas tentativas. O *processo afetivo* é também fortemente afetado pela crença na auto-eficácia, porque pode influenciar na quantidade de estresse e ansiedade que uma pessoa vai experimentar diante de determinadas atividades. A eficácia no *processo de seleção* pode interferir no curso da vida através da influência nas escolhas de atividade e ambientes, baseadas na sua percepção do que é seguro, atingível, desafiador ou recompensador. As pessoas tendem a evitar atividades e situações que elas acreditam exceder suas capacidades (Bandura, 1993; Schunk, 1995)

Neste sentido, o presente trabalho tem como *objetivo* avaliar as relações entre o desempenho acadêmico, o senso de auto-eficácia e aspectos comportamentais de crianças do Ensino Fundamental.

## Método

### Participantes

Foram avaliadas 52 crianças, de ambos os sexos, na faixa etária entre oito anos e 11 anos e 11 meses, alunos de primeira a quarta série de 20 escolas da rede pública do município de Ribeirão Preto, distribuídas em dois grupos:

*Grupo 1 - G1:* Composto por 26 crianças (16 meninos e 10 meninas) encaminhadas a um ambulatório de Psicologia vinculado a um hospital escola com queixa de dificuldade de aprendizagem.

*Grupo 2- G2:* Composto por 26 crianças com bom desempenho acadêmico que frequentam um Centro de

1994), nas áreas de leitura e escrita, na faixa etária e/ou série escolar, através do Questionário de Desempenho e do Compo Ambiente Escolar - DCCE (Selegato, 1989), indicando bo

Na composição do G2 to as crianças do G1, buscando relação a sexo, idade da criança dos pais. Após a seleção de comparação dos grupos através de Mann-Whitney, quanto  $M=109,31$  e  $G2/M=110,42$  ( $G1/M=6,27$  e  $G2/M=6,81$ ),  $M=4,62$  e  $G2/M=5,50$ ), e diferenças estatisticamente sig destas variáveis. Quanto ao ní ( $G1/M=44,81$  e  $G2/M=57,8$ ), estatisticamente significativa, s um nível intelectual inferior a

O projeto foi apreciado e de Ética do hospital escola e do Bem Estar Social e da Ed Após a explicação relativa ao tipo de participação requerida assinassem o Termo de Con participação das crianças. Ap foram convidadas a participa

### Instrumentos

Foram utilizados:

- *Matrizes Progressivas Colori* cial, avaliação do nível intelec Angelini, Alves, Custódio & I
- *Teste de Desempenho Escolar* do nível de desempenho esco Stein, 1994)
- *Questionário para Caracte* *Comportamento da Criança no*

a terceira e quarta autora: “Problemas associados a dificuldades escolares – construção e aplicação de procedimentos avaliativos com enfoque desenvolvimentista” (Medeiros & Loureiro, 1999). O roteiro é composto por 20 afirmativas, dessas 12 são relacionadas à percepção da capacidade quanto ao desempenho acadêmico, compreendendo seis afirmativas com significado positivo (itens 01, 03, 05, 07, 09, 20) e seis afirmativas com significado negativo (itens 02, 12, 14, 16, 18, 19); e oito afirmativas relacionadas à percepção de desempenho acadêmico, tendo como referência a avaliação de outros ou a comparação com os pares, compreendendo quatro afirmativas com significado positivo (itens 11, 13, 15, 17) e quatro afirmativas com significado negativo (itens 04, 06, 08, 10). O roteiro foi testado em estudo preliminar com 20 crianças (idade entre 8 e 10 anos). O índice de estabilidade (teste e reteste) alcançado em duas avaliações, com 28 dias de intervalo foi de 92% (concordância bruta).

- *Escala Comportamental Infantil A2 de Rutter* – (ECI) avaliação de problemas comportamentais, preenchida pelos pais – padronizada para escolares de Ribeirão Preto (Graminha, 1994b). A ECI inclui 36 itens, fornecendo um escore global, assim como escores parciais relativos a problemas de saúde (oito), hábitos (sete) e comportamentos (21).

### Procedimentos

As crianças foram avaliadas individualmente, as do G1 no ambulatório e as do G2 no CAIC. Na primeira sessão procedeu-se à aplicação do Raven. Em uma segunda sessão, procedeu-se à aplicação do TDE conforme recomendações técnicas. Com base no dados destas duas avaliações e a avaliação dos professores, os sujeitos foram incluídos nos grupos G1 (crianças com queixa de dificuldade de aprendizagem) e G2 (crianças com bom desempenho acadêmico). Em uma terceira sessão procedeu-se à aplicação do Roteiro de Avaliação

Com relação aos pais, o procedimento da ECI teve peculiaridades em cada grupo. Quanto ao G1, após uma situação de identificação de face, visando a coleta de informações de identificação, os pais preenchiam a ECI de forma auto-aplicativa, própria da natureza do instrumento. Quanto ao G2, os pais responderam em casa um questionário de dados de identificação, respondendo ambos por escrito.

Quanto aos professores, estes foram avaliados quanto à origem das crianças e respondendo ao Questionário para Caracterização do Comportamento da Criança no Ambulatório.

### Tratamento dos dados

Para a classificação dos dados relativos à auto-eficácia, as respostas foram pontuadas de 0 ou 1 (um), de acordo com a alternativa escolhida pelos sujeitos dispunham de duas alternativas de resposta: “sim” ou “não”. Para as respostas favoráveis à auto-eficácia positivo foi atribuído um valor de 1 (um) e para a auto-eficácia negativo pode corresponder a um “sim” ou “não” dependendo da resposta em questão. No conjunto de 20 itens, nas dez afirmativas positivas a resposta “sim” é pontuada com valor 1 (um) e nas dez afirmativas negativas a resposta “não” é pontuada com valor 1 (um).

Ex.: Eu tenho me saído bem..... Sim

Eu quero parar de estudar logo..... Não

A somatória do total de pontos obtidos de 20 itens correspondeu ao escore total. Este critério que quanto maior a pontuação, maior o senso de auto-eficácia da criança. Com base na comparação dos grupos, os resultados foram analisados o escore total.

O Roteiro foi cotado de acordo com o método descrito. Os dados foram quantificados e comparados mediante análise estatística não-paramétrica de Mann-Whitney.

total >16) como indicativa da necessidade de encaminhamentos para atendimento psicológico.

Para determinar a existência de possíveis associações entre a avaliação do senso de auto-eficácia realizada pelas crianças, o nível intelectual, e o funcionamento comportamental informado pelos pais através da ECI, procedeu-se à aplicação da Matriz de correlação não-paramétrica de Spearman.

### Resultados

Primeiramente serão apresentados os dados da avaliação do senso de auto-eficácia com relação ao escore total e a discriminação dos itens. Em seguida, serão apresentados os dados relativos à ECI, destacando-se os escores parciais e total e os itens com diferenças estatisticamente significativas e, por fim, a associação entre os dados dos dois instrumentos em questão. Os dados

Tabela 1. Auto-eficácia – Média, Desvio Padrão e Mediana da Comparação do Escore Total dos Grupos Avaliados (Teste não-paramétrico de Mann-Whitney)

Grupos	Média	dp	Mediana	p
G1	12,19	4,22	12,50	0,001
G2	18,54	2,16	19,00	

relativos ao Roteiro de Avaliação à comparação do escore total apresentados na Tabela 1.

Observa-se diferença alta entre os dois grupos quando da avaliação, considerando-se  $p < 0,001$ . O G1, com escore menor que o G2, caracterizando o senso de auto-eficácia por menor queixa de dificuldade de aprendizagem. Apresenta os dados do Roteiro de Avaliação de auto-eficácia discriminando os grupos estatisticamente significativas.

Pode-se observar que, dentre os 12 itens que diferenciam os grupos, 10 itens apresentam diferenças estatísticas. Observa-se que destes 12 itens, 10 em relação ao senso de auto-eficácia apresentam uma valorização negativa. Nos itens que diferenciam os grupos com significância estatística, pode-se observar que o G2 apresenta um desempenho superior ao G1, indicando que os dois grupos apresentaram um desempenho alto quando comparadas com os itens com valorização negativa. A percentagem superior ao G2 para o G1 de auto-eficácia mais baixo para o G2.

Observa-se ainda que os dados das diferenças estatisticamente significativas

Tabela 2. Auto-eficácia - Itens com Diferenças Estatisticamente Significativas, na Comparação dos Grupos de Sujeitos dos Dois Grupos, Discriminando a Valoração Positiva e Negativa

Itens	G 1
+ 1.Eu tenho me saído bem	73,1
+ 13.Eu acabo as atividades no mesmo tempo que os meus colegas.	61,5
+ 15.Minha professora me considera um bom aluno.	73,1
- 4.Minha família me considera um aluno fraco	42,3
- 6.Minha professora me considera um aluno fraco	38,5
- 8.Eu demoro mais que os outros para acabar as atividades.	38,5
- 10.Eu tenho mais dificuldade para aprender que os meus colegas.	76,9
- 12.Eu esqueço rápido o que aprendi.	50,0

itens são com valoração positiva, onde o G2 novamente apresentou uma porcentagem superior ao G1. A Tabela 3 apresenta os dados obtidos da ECI respondida pelos pais das crianças do G1 e do G2, comparando os escores parciais e total.

Observa-se que os grupos se diferenciam significativamente com relação à área de comportamento e ao escore total. Quanto ao escore parcial relativo à área de comportamento o G1 apresenta média maior do que o G2, indicando maiores dificuldades nesta área. Quanto ao escore total, incluindo todos os itens, o G1 apresenta também média significativamente maior do que o G2.

Quanto ao escore total superior à nota de corte - 16 pontos (Graminha & Coelho, 1994), observa-se que 77% dos sujeitos do G1 apresentaram valores de escore total acima de 16 pontos, sugerindo maior necessidade de atendimento psicológico. A Tabela 4 apresenta a comparação dos grupos, discriminando os itens da ECI com diferenças estatisticamente significativas.

Observa-se que sete itens diferenciam significativamente os grupos. Nos dois primeiros itens da área de saúde, o G1 apresenta uma média superior ao G2. Na área de hábitos, o G1 apresenta maior número de sujeitos com dificuldade de fala diferente do G2. Nos quatro itens referentes ao comportamento, o G1 novamente apresenta maior número de sujeitos com dificuldade na área de comportamento do que o G2.

A correlação entre as variáveis senso de auto-eficácia, funcionamento comportamental, e nível de funcionamento das crianças, através da Matriz de Correlações Paramétrica de Spearman, é apresentada na Tabela 5.

Com relação ao senso de auto-eficácia, observa-se uma correlação com o escore parcial relativo ao comportamento e o escore total da ECI. Quanto à direção das relações pode-se dizer que

Tabela 3. Escala Comportamental Infantil A2 Rutter (ECI) – Comparação dos Escores Parciais e Total dos Grupos Avaliados (Teste não-paramétrico de Mann-Whitney)

Áreas	Grupos	Média	$\phi$	Mediana	$p$
Saúde	1	2,77	1,56	3,04	
	2	2,88	2,03	2,50	
Hábitos	1	2,62	1,94	3,00	
	2	1,88	1,37	2,00	
Comport.	1	15,23	6,00	15,50	0,03
	2	11,00	7,03	9,50	
Escore Total	1	20,62	7,46	21,00	0,03
	2	15,77	8,30	14,00	

Tabela 4. Escala Comportamental Infantil A2 Rutter (ECI) – Comparação dos Grupos quanto aos Itens da ECI com Diferenças Estatisticamente Significativas

Área	Itens	Grupo	Média	$\phi$	Mediana
Saúde	Faz xixi na cama ou nas calças	1	0,00	0,00	0,00
		2	0,19	0,49	0,00
	“Mata” ou “enforca” aula	1	0,00	0,00	0,00
		2	0,19	0,40	0,00

Tabela 5. Associações entre Avaliação do Senso de Auto-eficácia, Função Comportamental, e o Nível Intelectual das Crianças (Matriz de correlação não paramétrica de Spearman)

	Auto-eficácia	ECI				Total	N
		Saúde	Hábito	Compor			
Auto-eficácia	1,00						
Saúde	- 0,07	1,00					
Hábito	- 0,19	0,10	1,00				
Compor	- 0,37*	0,34*	0,25	1,00			
Total	- 0,36*	0,49**	0,41**	0,96**	1,00		
Nível intelectual	0,25	-0,21	0,16	-0,02	0,001		

\*p<0,05; \*\*p<0,01

apresentam pontuação mais alta no sentido de problemas comportamentais apresentam pontuação mais baixa no Roteiro de Avaliação de Auto-eficácia, sugerindo baixo senso de auto-eficácia.

Verificam-se correlações entre os escores parciais das áreas de saúde, hábito e de comportamento e o escore total da ECI. Observa-se também correlação entre o escore das áreas de saúde e comportamento. Não se observa correlação entre o nível intelectual, o senso de auto-eficácia e o nível de funcionamento comportamental das crianças.

### Discussão

Retomando o objetivo do presente trabalho, pode-se observar que os dois grupos estudados apresentaram diferenças importantes no que se refere ao senso de auto-eficácia e manifestações comportamentais. O grupo de crianças com queixa de dificuldade de aprendizagem apresenta um senso de auto-eficácia mais baixo em relação às crianças com bom desempenho, considerando-se pouco competente para a execução com sucesso de determinadas atividades acadêmicas. Este padrão de funcionamento é concordante com dados de outros estudos que apontam as relações de baixo senso de auto-

Quanto à análise dos dados de Auto-eficácia, é interessante observar que 12 itens com diferença significativa foram afirmativas com sentido negativo de auto-eficácia. Na maioria dos itens, iniciam a frase retratando a dificuldade com a frase *eu tenho mais dificuldade*. Por exemplo, *eu tenho mais dificuldade para fazer as coisas certas*, afirmativas, com sentido negativo. Isso pode ser mais maior para as crianças com dificuldades, possivelmente por serem percebidas como menos capazes no cotidiano em comentários ou críticas de professoras ou dos colegas.

Observa-se ainda que os itens que apresentaram diferença significativa foram percepções baseadas em julgamentos de comparação com os colegas, o que reforça a importância do meio ambiente e sua influência para a formação da auto-eficácia, de acordo com Bandura (1989a). A avaliação do desempenho das crianças em relação às pessoas recebem dos outros, o desenvolvimento do senso de auto-eficácia, as percepções baseadas no julgamento dos outros estão relacionadas ao senso de auto-eficácia. O alto senso de auto-eficácia está relacionado à satisfação e sustentar relações



podem estar suscetíveis a outras dificuldades. Loureiro, Marturano, Linhares, Machado e Silva (1994), estudando três grupos de crianças (com história de atraso escolar e procura de atendimento psicológico, com história de atraso sem procura por atendimento e sem atraso escolar) verificaram manifestações conflituosas nesses grupos. As crianças sem atraso escolar apresentaram indícios sugestivos de manifestações de controle sobre o meio e dissimulação dos conflitos. Por outro lado, pode-se pensar que a ausência do indicador “*matar aula*” para as crianças do G1 tenha relação com a preocupação dos pais destas crianças quanto às atividades acadêmicas, fiscalizando mais a frequência e assiduidade de seus filhos às aulas.

Os problemas da área de comportamento apresentados pelas crianças com queixa de dificuldade de aprendizagem referem-se em geral a aspectos internos como preocupação, fechamento ou solidão, irritabilidade e insegurança. Estudos têm sugerido a presença de manifestações emocionais e comportamentais desadaptadas quando da associação dificuldades de aprendizagem e fatores afetivos (Graminha, 1994a). Marturano, Loureiro, Linhares e Machado (1997) encontraram que crianças com atraso escolar, identificadas pelas famílias que buscaram assistência psicológica, denotaram um empobrecimento na sua capacidade produtiva e comprometimentos associados à estruturação da personalidade, bem como uma auto-imagem negativa com intensos sentimentos de inferioridade e menos valia.

As pesquisas que relacionam auto-eficácia e afeto são concordantes ao apontarem uma relação negativa entre auto-eficácia e ansiedade. Pintrich e colaboradores (1994), relatam que alto nível de ansiedade aparece relacionado com mau desempenho em tarefas de leitura, sendo que os estudantes que sentiam-se muito preocupados quanto ao seu desempenho nos testes de leitura não se saíam bem e apresentavam um baixo senso de auto-eficácia. Bandura e colaboradores (1996), referem que um baixo senso de auto-eficácia para exercer controle sobre eventos

Outro dado importante a ser mencionado é a relação entre o nível intelectual das crianças dos dois grupos. Se de os grupos se diferenciarem estatisticamente em relação ao nível intelectual, esta variável poderia ter correlação com o senso de auto-eficácia e com os problemas comportamentais. Deve-se ressaltar que o nível intelectual apresentou-se estatisticamente significativamente diferente para os grupos, o que pode de inclusão que este fosse pelo menos moderado. Partindo-se do pressuposto de que a presença de dificuldade de aprendizagem contavam com o mesmo recurso intelectual potencial, ou seja, sua inteligência poderia ser atribuídas a um rebaixamento do nível, pode-se pensar que embora com recursos intelectuais não estejam em condições de utilizá-los plenamente (1993), a realização pessoal não requer necessariamente um alto senso de auto-eficácia para superar essa forma. O rendimento escolar pode ser afetado pelas flutuações do senso de auto-eficácia, e a baixa auto-eficácia pode levar a criança a render menos do que poderia, não porque não seja capaz, mas porque não acredita em sua capacidade.

Segundo sugerido por Schunk (1995), o senso de auto-eficácia influencia o desempenho acadêmico tanto por uma ação direta quanto por seu impacto nos processos de motivação, auto-regulação e auto-percepção, expectativas de resultados e interesses. Entretanto, o tipo de instrumento utilizado para avaliar o senso de auto-eficácia neste estudo não foi uma análise aprofundada quanto ao impacto nos processos específicos citados. Para tal, seriam necessárias provas de desempenho associadas às variáveis estudadas e um instrumento construído para esta finalidade.

A avaliação do senso de auto-eficácia e sua relação com o desempenho acadêmico pode ser de utilidade para o planejamento de procedimentos de intervenção. Um aspecto importante no modo como os estudantes se percebem em relação ao acadêmico, afeta seu desempenho e a sua

Os dados do presente trabalho, sugerem que crianças encaminhadas com queixa de dificuldade de aprendizagem apresentaram um baixo senso de auto-eficácia e foram avaliadas pelos seus pais como tendo mais problemas comportamentais quando comparadas às crianças com bom desempenho escolar.

A etapa do ensino fundamental, correspondente a fase dos seis aos doze anos, segundo Erikson (1950/1971) constitui-se um período em que as aquisições de habilidades e conhecimentos têm papel decisivo para o desenvolvimento. Nesse sentido, as intervenções favorecedoras de um alto senso de auto-eficácia podem possibilitar não só um melhor nível de rendimento, como também implementar a capacidade de se envolver com situações de aprendizagem.

Como implicação dessa destaca-se a importância de se oferecer às crianças ferramentas que lhes permitam, além da aquisição de habilidades, desenvolver crenças mais positivas em relação às suas próprias capacidades de realização. Sugere-se que no trabalho com crianças na fase inicial de aprendizagem formal, mesmo quando seu rendimento está abaixo do esperado seja valorizado o desenvolvimento da auto-eficácia como um recurso favorecedor do processo de aprendizagem.

## Referências

- Angelini, A., Alves, I., Custódio, E. & Duarte, W. (1987). *Manual das matrizes progressivas coloridas Raven*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Bandura, A. (1989a). Human agency in social cognitive theory. *American Psychologist*, 44, 1175-1184.
- Bandura, A. (1989b). Regulation of cognitive processes through perceived self-efficacy. *Developmental Psychology*, 25, 729-735.
- Bandura, A. (1993). Perceived self-efficacy in cognitive development and functioning. *Educational Psychologist*, 28, 117-148.
- Bandura, A., Barbaranelli, C., Caprara, G. V. & Pastorelli, C. (1996). Multifaceted impact of self-efficacy beliefs on academic functioning. *Child Development*, 67, 1206-1222.
- Bandura, A. & Schunk, D. H. (1981). Cultivating competence, self-efficacy, and intrinsic interest through proximal self-motivation. *Journal of Personality and Social Psychology*, 41, 586-598.
- Boruchovitch, E. (1994). As variáveis psicológicas e o processo de aprendi-

- Lindahl, N. Z. (1988). Personalidade humana: aspectos teóricos e empíricos da teoria de Erik Erikson. *Psicologia*, 69, 492-509.
- Linhares, M. B. M. (1998). Atendimento especializado de psicologia: uma perspectiva desenvolvimentista. *Psicologia*, 69, 492-509.
- Linhares, M. B. M., Parreira, V. L. C., & Loureiro, S. R. (1993). Caracterização dos motivos de encaminhamento em um serviço de psicopedagogia. *Revista de Psicologia*, 6, 161-182.
- Loureiro, S. R., Marturano, E. M., Linhares, M. B. M., & Silva, S. R. (1994). Crianças com queixa de dificuldade de aprendizagem: uma avaliação psicológica através de técnica gráfica. *Aplicada*, 46, 161-182.
- Machado, V. L. S., Figueiredo, M. A. & Silva, S. R. (1997). O comportamento de alunos em situação de risco de desempenho. *Estudos de Psicologia*, 6, 161-182.
- Martin, E. & Marchesi, A. (1995). Da teoria à prática: aspectos educacionais especiais. Em: *Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia e aprendizagem escolar* (pp. 7-35) (M. B. M. Linhares, E. M. Marturano, & S. R. Loureiro, Orgs.). Alegre: Artes Médicas.
- Marturano, E. M. (1997). A criança, o risco e a vulnerabilidade: condições de resiliência e vulnerabilidade. In: *Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia e aprendizagem escolar* (pp. 145-152) (M. B. M. Linhares, E. M. Marturano, & S. R. Loureiro, Orgs.). Ribeirão Preto: Comissão de FMRP/USP.
- Marturano, E. M., Linhares, M. B. M. & Silva, S. R. (1997). Aspectos emocionais e comportamentais na aprendizagem escolar. *Medicina*, 26, 161-182.
- Marturano, E. M., Loureiro, S. R., Linhares, M. B. M., & Silva, S. R. (1997). A avaliação psicológica de crianças com problemas associados a dificuldade de aprendizagem. In: *Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia e aprendizagem escolar* (pp. 145-152) (M. B. M. Linhares, E. M. Marturano, & S. R. Loureiro, Orgs.). Ribeirão Preto: Comissão de FMRP/USP.
- Medeiros, S. R. & Loureiro, S. R. (1999). *Aspectos psicológicos e comportamentais de crianças com dificuldade de aprendizagem*. In: *Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia e aprendizagem escolar* (pp. 145-152) (M. B. M. Linhares, E. M. Marturano, & S. R. Loureiro, Orgs.). Ribeirão Preto: Comissão de FMRP/USP.
- Pajares, F. (1996). Self-efficacy beliefs in academic achievement. *International Research*, 66, 543-578.
- Pajares, F. & Valiante, G. (1997). The writing self-efficacy beliefs of students with learning disabilities. *Journal of Educational Research*, 90, 353-360.
- Pintrich, P. R., Anderman, E. M. & Kohn, M. (1993). Differences in motivation and cognitive functioning in learning disabilities. *Journal of Learning Disabilities*, 26, 161-182.
- Schunk, D. H. (1995). Self-efficacy and academic achievement. In: *Self-efficacy, adaptation, and application* (pp. 281-301). New York: Springer.

### Anexo A Roteiro de Avaliação de Auto-Eficácia

Vou apresentar para você algumas frases e você vai me dizer o quanto elas tem a ver com o seu jeito de estudar.  
Basta me responder SIM quando elas se parecerem e NÃO quando elas forem diferentes do seu jeito de estudar.

Na escola,	Sim	Não
01. Eu tenho me saído bem.		
* 02. Eu quero parar de estudar logo.		
03. Eu consigo ler com facilidade.		
* 04. Minha família me considera um aluno fraco.		
05. Eu consigo copiar com facilidade.		
06. Minha professora me considera um aluno fraco.		
07. Eu consigo escrever as palavras que são ditadas.		
08. Eu demoro mais que os outros para acabar as atividades.		
09. Eu lembro com facilidade do que aprendi.		
10. Eu tenho mais dificuldade para a prender que os meus colegas.		
11. Eu aprendo tão bem quanto os meus colegas.		
12. Eu esqueço rápido o que aprendi.		
13. Eu acabo as atividades no mesmo tempo que os colegas.		
14. Eu tenho dificuldade para escrever as palavras que são ditadas.		
15. Minha professora me considera um bom aluno.		
16. Eu tenho dificuldade para fazer cópia.		
* 17. Minha família me considera um bom aluno.		
18. Eu tenho dificuldade para ler.		
19. Eu tenho me saído mal.		
* 20. Eu quero continuar estudando por muitos anos.		

\* Estes itens não devem ser precedidos da expressão: “Na Escola”.

Sobre as autoras:

**Paula Cristina Medeiros** é Psicóloga, Especialista em Problemas de Aprendizagem e Psicopedagogia, Mestranda em Saúde Mental pela Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo.

**Sonia Regina Loureiro** é Psicóloga, Professora Doutora da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto/USP e docente nos Cursos de Pós-Graduação em Ciências Médicas (área Saúde Mental) e Psicologia, na Universidade de São Paulo/Ribeirão Preto. Coordena o Serviço de Psicodiagnóstico do Hospital de Clínicas de Ribeirão Preto, onde mantém atividades de formação de recursos humanos e de pesquisa com instrumentos e procedimentos de avaliação em diferentes contextos psicossociais.